
ENSAIO SOBRE O DOCUMENTÁRIO “IAUARETÊ:
CACHOEIRA DAS ONÇAS”, SOB A PERSPECTIVA DA CULTURA MATERIAL

CARELLI, Vincent. “Iauaretê: Cachoeira das Onças”. Documentário, 48 min. VÍDEO DAS ALDEIAS/IPHAN/FOIRN, 2006.

*Fernando José Cantele*²

INTRODUÇÃO

O documentário “Iauaretê: Cachoeira das Onças” apresenta a trajetória do grupo³ Tariano (procedente do Alto rio Negro, estado do Amazonas) em busca de sua revitalização cultural por meio do reconhecimento da Cachoeira das Onças enquanto patrimônio cultural, perante os órgãos competentes. A discussão a seguir visa discorrer sobre como ocorre esse processo e a relação que os Tarianos possuem diante de suas tradições culturais, com ênfase na cultura material.

IAUARETÊ, CACHOEIRA DAS ONÇAS: REVITALIZAÇÃO CULTURAL E AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE POR MEIO DA CULTURA MATERIAL

A cultura pode ser definida como um fenômeno humano dinâmico, carregado de significados, que ao passar pelo reconhecimento se torna referência com que o indivíduo possa se identificar. Para Denys Cuche (2002, p. 11), “a noção de cultura compreendida em seu sentido vasto, que remete aos modos de vida e pensamento, é hoje bastante aceita [...]”, pois aborda toda a produção humana, por tratar-se de um elemento multiforme. Nesse sentido, a cultura vivenciada é a experiência cultural dos indivíduos em sua existência diária, em um local e período particulares.

Por outro lado, a cultura material, com sentido mais restrito, diz respeito a toda produção humana de caráter material e objetivo, tangível, em que os objetos se fazem entender muito além da função utilitária, incorporando significados de poder, prestígio social, identidade, inúmeras

¹ O presente texto foi inicialmente apresentado como trabalho de conclusão da disciplina de Cultura Material I, junto ao curso de *lato sensu* em Cultura Material e Arqueologia da Universidade de Passo Fundo (UPF).

² Graduado em História pela Universidade do Contestado (UnC), cursando Especialização em Cultura Material em Arqueologia pela Universidade de Passo Fundo (UPF) e pesquisador na Fercant & Yahto Consultoria Científica. Contato: fercant@hotmail.com.

³ “A esses sujeitos coletivos do discurso arqueológico, a esses referentes de quem o arqueólogo fala e aos quais se atribui uma cultura, prefere-se hoje chamar, simplesmente, grupos, pela conotação que “povo” sempre tem com etnia” (ALARCÃO, 2000, p. 31).

expressões e relações entre o objeto, o indivíduo e a sociedade. De acordo com Perez (1990, p. 180), “a cultura material tem uma relação evidente com as injunções materiais que pesam sobre a vida do homem e às quais o homem opõe uma resposta que é precisamente a cultura”.

Sabe-se que as populações indígenas possuem relações muito íntimas com o meio natural. Elas ocupam territórios próprios e se adaptam ao longo de muitos anos, criando, assim, fortes laços culturais com a paisagem e toda a vida social desenvolvida em seu entorno (BRANDÃO, 1986). No documentário “Iauaretê: Cachoeira das Onças”, dirigido por Vicent Carelli (2006), pode-se notar que mesmo o grupo Tariano conhecendo as suas mitologias, sente um “vazio” nas relações que possui tanto com a Cachoeira das Onças quanto com as suas tradições culturais. Nesse aspecto, ao reviverem suas memórias sobre o passado, os Tarianos colocam em evidência o fato da chegada dos padres missionários em sua aldeia no início do século XX com o objetivo de evangelização. Esse acontecimento foi crucial à medida que envolveu grandes mudanças culturais em sua sociedade, frente às relações de poder exercidas pelos missionários.

Conforme observa Sanches (1973, p. 73):

[...] não há como negar a profunda influência exercida pelos padres [...]. Essa construção cultural nunca visou o desenvolvimento ou aprimoramento da cultura nativa [...]. Por razões e justificativas, nem sempre “católicas” [...], os padres conviviam com os nativos e, através desse convívio, modificaram as estruturas culturais [...].

Dessa forma, ao solicitar ao Ministério da Cultura o reconhecimento da Cachoeira das Onças como patrimônio cultural brasileiro e também o repatriamento dos ornamentos sagrados que se encontram depositados em Museus, eles procuram romper com esse passado de dominação e revitalizar a sua cultura nativa.

A Cachoeira das Onças, além de suas características naturais intrínsecas enquanto parte de um ambiente físico, é também vista como um local sagrado, de referências míticas, pois muitos aspectos da origem do grupo Tariano são explicados por narrativas que convergem para a Cachoeira. Nesse local, conforme é apresentado no documentário, eles expõem passo a passo cada região da Cachoeira por onde o seu ancestral Ahkomi passou ao enfrentar um “calvário” frente à gente-onça para preservar a vida dos Tarianos.

Ainda nesse contexto, pode-se observar que conscientemente ou inconscientemente – isso não fica claro no documentário – o Tariano faz uso dos vestígios arqueológicos (no caso, a presença de gravuras rupestres existentes na cachoeira) para explicar parte de suas narrativas sobre Ahkomi.

Ao considerarmos a relação do grupo Tariano com a Cachoeira das Onças no âmbito da cultura material, podemos fazer uma leitura no sentido de que a paisagem natural é vista como um local de afirmação de identidade à medida em que se torna além de um patrimônio natural, também um patrimônio cultural, materializando-se, pois a cultura material “é setor do nosso ambiente físico que modificamos através de um comportamento culturalmente determinado” (DEETZ, 1977, p. 25). Nesse sentido, o grupo legitima a sua cultura por meio da paisagem, e a Cachoeira passa a ter uma vida material e social. Para Marcelo Rede (1996, p. 278) “[...] a cultura material tem uma dimensão mais ampla e diversificada, envolvendo todo o segmento físico socialmente integrado”.

As necessidades de repatriamento dos objetos sagrados, no caso dos ornamentos do grupo Tariano que se encontram depositados em Museus do Amazonas e Mato Grosso, corroboram com a ideia de afirmação e reconstrução de identidade, no sentido de que esses elementos da cultura material representam símbolos de suas tradições e que, em determinado momento do passado,

foram retirados de sua sociedade. O conceito de identidade “implica semelhança a si próprio, formulado como condição de vida psíquica e social. Nessa linha, está mais próximo dos processos de re-conhecimento, do que conhecimento” (MENEZES, 1984, p. 33). Para o grupo Tariano, e isso fica claro no documentário, há uma preocupação muito evidente com o fim de suas tradições, de sua identidade cultural.

Nesse sentido, o repatriamento da cultura material, a qual é caracterizada por sentimentos de reconhecimento e pertencimento, passa a ser entendido como reflexos de práticas sociais e também como uma forma objetiva de afirmação de discurso. Tal discurso desempenha um papel ativo na criação de significados da vida social e cultural dessa sociedade.

Na perspectiva de Tânia Andrade de Lima:

A cultura material é produzida para desempenhar um papel ativo, é usada tanto para afirmar identidades quanto para dissimulá-las, para promover mudança social, marcar diferenças sociais, reforçar a dominação e reafirmar resistências, negociar posições, demarcar fronteiras sociais e assim por diante. (LIMA, 2011, p. 21).

Logo, o que vemos entre o grupo Tariano é a busca por todos os significados e ressonâncias com as quais a sua cultura outrora ficou esquecida no aspecto físico, mas viva em suas memórias. Ainda nessa perspectiva, pode-se observar a relação dos Tarianos com outro aspecto relevante para a sua revitalização cultural: a construção de uma Maloca tradicional, que, por sua vez, faz parte da sua cultura material e imaterial. No âmbito da cultura material, a Maloca é vista como um espaço de moradia e celebrações, enquanto que, no aspecto da cultura imaterial, toda sua estrutura física faz referência às narrativas míticas da criação de seus antepassados, sendo análogos a estrutura da Maloca ao corpo de Ahkomi.

Ao longo dessa trajetória, o grupo Tariano revive e compartilha memórias de seus antepassados. A memória constitui-se de um elemento essencial da identidade, seja ela individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais para o Tariano, visando à manutenção da sua identidade cultural. Conforme exposto por Le Goff (1992, p. 477), “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”.

Nesse processo de valorização desses bens culturais, materiais e imateriais, torna-se evidente que os Tarianos passam por um processo de autorreconhecimento enquanto sujeitos ativos de sua cultura, buscando a reconstrução de sua identidade enquanto Tariano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na avaliação do documentário apresentado, buscou-se uma reflexão sobre como o grupo Tariano se relaciona com as manifestações socioculturais e, em especial, a cultura material, inerente à sua sociedade. A análise promove uma reflexão sobre o papel da cultura material na sociedade desse grupo que arquiteta a sua revitalização cultural, constituindo-se, assim, em um instrumento capaz de gerar um paradigma, no sentido em que passa a resgatar e afirmar suas identidades culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, Jorge de. Sobre o discurso arqueológico. In: **A escrita do tempo e a sua verdade (Ensaio de Epistemologia da Arqueologia)**. Coimbra: Quarteto, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e Etnia**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARELLI, Vincent. "**Iauaretê: Cachoeira das Onças**". Documentário, 48 min. VIDEO DAS ALDEIAS/IPHAN/FOIRN, 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=X4Lyq9UwBAw>>. Acesso em: 29 jan. 2018.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2.ed. Florianópolis: EDUSC, 2002.

DEETZ, James. **In Small things Forgotten: The Archaeology of Early American Life**. New York: Anchor, 1977.

FUNARI, Pedro Paulo. Os Historiadores e a Cultura Material. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2.ed., 1ª reimpressão, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução por Bernardo Leitão. 2.ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

LIMA, Tânia Andrade. Cultura Material: a dimensão concreta das relações sociais. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas**. Belém, v. 6, n. 1, p. 11-23,. 2011.

MENEZES, Ulpiano de Bezerra de. Patrimônio Cultural entre o Público e o Privado. In: São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. **O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo: DHP, 1992.

PESEZ, Jean-Marie. História da Cultura Material. In: LE GOFF, Jacques. (Org.) **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 177-213.

REDE, Marcelo. História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. v. 4, p. 365-382, 1996.

SANCHES, Cleber. **Fundamentos da Cultura Brasileira**. Manaus: Travessia, 1999.